OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

27.º Anno — XXVII Volume — N.º 908

20 DE MARÇO DE 1904

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

MARQUEZA DE UNHÃO

CONDESSA DE SABUGOSA

D. Eugenia Telles da Gama, que, quando foi da commemoração do quarto centenario do descobrimento da India, recebeu o titulo de marqueza, é descendente dos marquezes de Niza, representantes de Vasco da Gama. Por sua mãe, que era irmã do Conde da Ponte, descende do Marquez de Sande, que tão notavel se tornou pela sua alta capacidade, depois da revolução de 1640 e nos tempos mais criticos da historia de Portugal.

A sr.ª Marqueza de Unhão é dama de Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia, e quer no desempenho do seu alto cargo, quer na sua vida intima, não esquece a divisa franceza: *Noblesse oblige*.

Senhora de esmerada illustração e de altissimas virtudes, o seu nome é respeitado em todas as classes da sociedade, quer pela muita religião da senhora marqueza, quer pela nobreza do seu caracter, e sua immensa caridade.

Representante da velha familia dos Condes de Murça, e casada com o sr. Conde de Sabugosa, mordomo-mór d'El-Rei, a sr.ª Condessa de Sabugosa occupa na sociedade portugueza um dos mais altos logares.

D'uma aristocratica simplicidade, é um modêlo de senhoras, tão illustrado é o seu espirito, tão de molde para inspirar o maximo respeito são as excellentes virtudes do seu coração.

Mãe exemplar, quando sua alma soffreu o mais terrivel golpe, poude ella avaliar o amor, o respeito que a todos inspirava, tantas foram as lagrimas que, pela sua dôr, viu chorar a dôr dos outros.

Occupando no paço um elevado cargo, só lhe tem servido para, junto d'esse coração em que é a caridade rainha d'uma rainha, valer aos infelizes.

Por isso seu nome, quando pronunciado nos apparece n'uma suavissima aureola de luz gloriosa.

CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa burgueza, Lisboa pacata, esta Lisboa geralmente so perturbada pelo tilintar das campainhas dos electricos e pelos morteiros quando ha toiros, Lisboa sempre egualmente monotona, lembrou-se, ha dias, de sahir do seu ripanso, obrigando a policia a reunir-se em differentes pontos, para o que désse e viesse, pelo sim, pelo não.

Afinal a manifestação dos commerciantes fez-se com tal ordem, que não valeu a pena nem o apparato policial nem o terror das senhoras que essa noite de segunda feira deixaram nos theatros os camarotes ás môscas.

Os commerciantes de Lisboa fecharam as portas dos seus estabelecimentos n'esse dia do meio dia em diante, tendo sido combinado abril-as outra vez ás seis horas da tarde. Mas a maior parte conservaram-se fechadas até o outro dia pela manhã.

Assim fizeram um protesto contra as propostas de fazenda, ultimamente apresentadas em côrtes.

Muitos delegados vieram da provincia ajudando a energia da manifestação, que foi devéras para ser tida em consideração de maior valia do que muitas, aliás, menos platonicas.

Na Associação dos Logistas foi decidido que as commissões de Lisboa e Porto combinassem o que lhes parecesse melhor, conforme o seguimento de suas reclamações, dando depois participação de seus pareceres ás outras collectividades do paiz.

A Associação Commercial de Lisboa recebeu muitas adhesões á manifestação de protesto.

No comboio de terça feira chegou a Lisboa a commissão de operarios das fabricas do norte de Portugal que vem entregar ás camaras uma representação pedindo urgencia na discussão do projecto de pautas. Os operarios do norte eram esperados pelos seus companheiros de Lisboa.

Os commissionados do commercio do norte regressaram ás suas terras á meia noite e meia hora, soltando-se na estação muitos vivas ao commercio de Lisboa, á Associação Commercial, á Associação de Logistas e aos seus presidentes srs. Mello e Sousa e Pinheiro de Mello.

As provincias tambem não ficaram em silencio perante as propostas de fazenda, havendo protestos até nas terras de menor importancia.

Temiam-se barulhos nas ruas, que afinal se limitaram a meia duzia de vidros partidos, a umas pedradas na policia, muito apito de gaiato que se queria divertir e algumas dezenas de prisões.

Lisboa imitou em ponto pequeno a mexida que vae agora pelo mundo inteiro, desde que russos e japonezes, com mais ou menos razão, se lembraram de pôr de banda as melhores considerações dos exaltados pela paz. Isto de philosophias é tudo o que ha de mais facil para uma viradella de casaca.

Dizem agora os russos que não pódem submetter-se a nenhuma arbitragem, pois que desejam tomar posse da Coréa. Quer a gente saber que tem isso com as lindas theorias pelo imperador preconisadas, e não ha maneira de atinar com logicas d'esta qualidade.

O mais grave dos telegrammas foi o que de Paris chegou um dia d'estes dizendo que o governo francez vae dar conhecimento ao paiz por meio de editaes que resolveu a mobilisação do exercito e da armada.

Um telegramma para maior socego dos espiritos é o que se refere a boatos d'um accordo secreto entre a França e a Inglaterra tendente a resolver quaesquer questões coloniaes que venham a surgir depois da guerra e versando especialmente sobre a questão de Marrocos.

Guilherme II, imperador da Allemanha, que anda viajando, está actualmente em Vigo. D. Affonso XIII partiu para esta cidade, sendo recebido com enthusiasmo. Foi a bordo do *Frederick Karl*, onde se demorou uns tres quartos de hora sendo-lhe immediatamente paga a visita pelo imperador que com o rei de Hespanha se demorou uma hora a bordo do *Giralda*.

Todos estes passeios querem dizer paz, todas estas visitas com affectuosos abraços querem dizer harmonia; mas pouco basta para que uma ambição se desprenda dos melhores protestos e um instrumento que vá fóra de compasso n'uma grande orchestra é bastante para a desafinação geral.

Japonezes e russos continuam em guerra e a maior parte das prophecias são favoraveis aos brancos contra os amarellos no final d'este jogo de vidas. Por emquanto, os japonezes levam o partido de haver começado primeiro; mas as forças russas vão-se accumulando e o peor que se lhes oppoz, os gelos, esses mesmos hão de ir pouco a pouco diminuindo com a approximação da primavera.

Não sei se foram os combates navaes no Oriente que inflammaram os marinheiros portuguezes. Não ha coisa peor do que um máu exemplo. Quem sabe se o imperador da Russia não teve suas culpas na desordem que ha dias houve entre os marujos que costumam frequentar o bairro da Mouraria? Não se contentaram d'esta vez com os sopapos e passagens de pé em que são eximios. Houve bayonetas desembainhadas e ferimentos de gravidade.

A policia de Lisboa costumada na pacatissima cidade a seu passeiosinho descançado, entremeado com uma meia soneca debaixo dos portaes quando chove, teve estes dias mais que fazer e logo em duas noites successivas. Foram primeiro os que por ahi andaram quebrando vidros de lojas, algumas até dos mais calorosos protestantes, foram depois os marujos ajudados por uma pinguinha a mais.

Os pobres guardas só terão consolação vendo que os seus collegas da judiciaria tambem estes dias não descançaram, embora fossem mais felizes que o costume, deitando a mão com maravilhosa presteza ao gatuno que na bibliotheca de Mafra metteu na algibeira o que por lá achou que lhe pareceu de maior valor.

Pela carta do bibliothecario, sr. Ayres de Sá, publicada no *Correio da Noite*, vê-se que o gatuno francez era mestre no officio, capaz de enganar o mais pintado, mostrando-se erudito e bom cavaqueador.

Falava como mestre, de livros, de illuminuras, de encadernações. Elle sabia tudo, elle sabia o valor das coisas, elle tinha um cavaco ameno. Uma educação esmeradissima, a que não lhe haviam faltado com a sciencia de prestidigitador, tornavam-o digno de todo o apreço e até da maior consideração.

E' uma especialidade esta: a de roubar livros, conquistando a sympathia dos empregados das bibliothecas.

Mas d'esta vez não foi o homem tão feliz. As unhas da policia filaram-o mal elle tinha chegado ao Porto e a originalidade do typo nem entao se desmentiu. Pensou em suicidar-se e para a tragica tentativa serviu-se d'um instrumento unico, até hoje desconhecido dos suicidas.

N'um quadro de revista d'anno que Fialho de Almeida tentou um dia escrever, havia uma casa de suicidios onde os descontentes da vida encontravam as melhores commodidades e os mais variados apparelhos: cordas, revólvers, peçonhas, o que quizessem; era apenas pedir por bocca. Pois este francez não exigiu tanto e contentou-o um sacca-rolhas com que fez uma arranhadura no peito.

Uma linda tragedia para quadro de opera comica. O que elle queria talvez era procurar no hospital a maneira facil de dar ás de villa Diogo que a cadeia lhe não fornecia. Enganou-se, coitado. Agora na prisão de Mafra meditará sobre antigas leituras que decerto fez pelas differentes bibliothecas por onde andou a aperfeiçoar-se.

GEORGETTE LEBLANC MAETERLINCK

Melhores tragedias tivemos nós agora, mas foi no theatro D. Amelia, onde madame Georgette Leblanc Maeterlinck representou as melhores ultimas obras de seu marido, o grande dramaturgo belga, tão depreciado por muitos quando de suas primeiras composições e tão exaltado por outros. Tratavam-o alguns de mistificador maximo, quando outros o comparavam a Shakespeare.

Nunca nenhuma de suas obras havia sido representada em Portugal, embora ha mais de doze annos fosse seu nome discutido universalmente.

Georgette Leblanc, hoje esposa de Maeterlinck tem feito uma viagem cheia de triumphos, por toda a Europa, dando a conhecer as obras do poeta, agora universalmente acclamado. A *Monna Vanna* é de todas as suas peças a que mais geralmente é applaudida. Em Lisboa, porém, o maior triumpho foi a *Joyselle*.

Os theatros tem chamado agora a attenção dos lisboetas que ainda terão, segundo se diz, um dia d'estes, novo attractivo com a representação da peça escripta pelo estudante José Bruno, que tão applaudida foi em Coimbra na recita dos quintanistas. Foi pelo auctor offerecida á Rainha Sr.ª D. Amelia para aqui ser representada em favor dos tuberculosos.

Será uma noite de alegria a festa de rapazes.

De quando em quando, são precisas estas distracções. O theatro deve abranger todos os generos como qualquer outra litteratura. O velho drama, o theatro livre, a revista do anno, tudo tem o seu logar.

Com o maior prazer applaudimos Cesar Porto por ter iniciado no theatro do Principe Real as representações do theatro livre, não deixando de applaudir Camara Lima e Mello Barreto pela graça da sua revista.

Do velho drama não nos compete falar, contentando-nos em agradecer aqui á critica que tão benevolamente d'elle se occupou.

João da Camara.

Origem e desenvolvimento do jornalismo

Conferencia pelo sr. Alberto Bessa

Foi de todo o ponto notavel a conferencia que o nosso presado collega do *Diario de Noticias*, sr. Alberto Bessa, realisou em a noite de 9 do corrente, na séde da Sociedade Litteraria Almeida Garrett, sobre a origem e desenvolvimento do jornalismo.

Presidiu á sessão o nosso illustre amigo e redactor do OCCIDENTE, sr. conde de Valenças, presidente da direcção, secretariado pelos srs. Francisco Simões Margiochi e Brito Aranha.

O sr. conde de Valenças expoz os fins da sessão depois do que deu a palavra ao conferente.

Notavel, como dissémos, foi esta conferencia, não só pelo grande trabalho de investigação do conferente sobre o jornalismo de quasi todo o mundo, mas ainda pelo estudo da especialidade e porque algumas novidades deu, honrosas para o jornalismo portuguez desde a sua origem.

Mostrando a utilidade da imprensa e o quanto ella e só ella tem contribuido para os progressos da humanidade, pondo as idéas e os homens em contacto, citou a phrase de Victor Hugo: «a imprensa é a luz porque é a intelligencia; clarim vivo da humanidade, que toca a alvorada dos povos e proclama em alta voz o imperio do direito».

A invenção da imprensa foi a alvorada do jornalismo, imperfeito, incompleto nos seus primeiros tempos, é hoje a grande força das sociedades.

Diserta larga e eloquentemente sobre estes dois pontos com muita erudição, demonstrando quanto os povos antigos sentiam a necessidade do jornal para tornar publico o que convinha á communicação de idéas e de interesses, havendo para isso os pregoeiros na edade média, o *céryce* dos gregos e o *praeco* dos romanos, o que tudo eram meios de publicidade imperfeitissimos.

Descreve a largos traços a creação do jornalismo, principiando pela Italia, onde a *fogli* ou *foglietti di avisi*, custava a leitura uma *gazzetta*, moeda d'aquelle paiz, e que mais tarde deu o titulo á folha impressa. A Inglaterra, a Belgica e a França disputam a prioridade do jornal. Alguns

ALBERTO BESSA

historiadores dão á Inglaterra a primazia com o *Mercurio Inglez*, publicado em 1588; outros concedem-n'a á Allemanha que, em 1590, publica as *Relações semestraes*; alguns dão essa primazia á Belgica que, em 1605, publica em Anvers o jornal do judeu *Verhoeven*; e por fim outros auctores querem que o primeiro jornal fosse publicado em França, em 1605, com o nome de *Mercurio Francez*.

Pelo estudo, porém, que o sr. Alberto Bessa poude fazer, parece que a prioridade pertence á Belgica.

Passa o conferente a historiar o jornalismo nas épocas mais recentes, referindo-se com vastò conhecimento á imprensa ingleza, americana, franceza, chineza, etc., até á hespanhola e portugueza.

Tratando do jornalismo em Hespanha e em Portugal, prova que foi no nosso paiz que elle primeiro appareceu com a *Relação Universal* em 1625 e não com a gazeta chamada da *Restauração* em 1641, sendo certo que em Hespanha só apparece em 1661 com a *Relação ou gazeta de alguns casos*.

Aqui está uma novidade; mas outra ainda nos dá o erudito conferente e é o ter sido redactora do periodico *El Robespierre Espanol* uma portugueza, D. Maria do Carmo Silva, mulher do director d'aquelle periodico, que dirigiu durante o tempo que seu marido esteve prisioneiro na guerra da independencia.

Passa em minuciosa revista todo o jornalismo portuguez desde 1811 até nossos dias; recorda as luctas brilhantes sustentadas pela imprensa nas épocas das revoluções politicas, por essa pleiade de jornalistas que assignalou a primeira metade do seculo XIX, e faz a critica do jornal de hoje, que tem de ser feito para um publico, na grande maioria analphabeto e no resto pouco propenso a leituras instructivas ou doutrinarias, só movendo-se por curiosidade frivola e doentia, consequencia da sua pouca illustração.

Limitado, pois, é o numero dos que sabem lêr, e n'isto disse o conferente uma grande verdade.

Podia o jornalismo portuguez ter maior brilho, mas é preciso fazer o jornal para o publico e d'ahi vem muitos de seus defeitos.

A tarefa é ingrata para o jornalista. Muito se tem conseguido já. E' mister ter esperança que mais se conseguirá.

O conferente foi muito applaudido pelo numeroso e selecto auditorio que o escutou, e nós d'aqui felicitamos o sr. Alberto Bessa.

C. A.

Quadros decorativos para a Exposição de S. Luiz

Por João Vaz

Tivemos ha dias occasião de vêr os quadros decorativos que o digno professor e director da escola *Affonso Domigues*, sr. João Vaz, pintou para a secção portugueza da Exposição de S. Luiz.

São tres grandes télas: a primeira representa uma vista de Lisboa, a segunda uma vista do Porto e a terceira uma paizagem da região vinicula do Douro.

São bem escolhidos os pontos, o desenho é largo, o collorido é sobrio como convem a este genero de pintura, em que o sr. João Vaz deu provas da sua competencia nos quadros decorativos que pintou para a secção portugueza da Exposição de Paris de 1900.

Então, como hoje as suas télas foram justamente apreciadas, revelando no distincto pintor de marinhas, tambem a especialidade da pintura decorativa moderna, que ha poucos annos, é cultivada entre nós, ainda que nem sempre com arte superior.

E' bem conhecido o nome do sr. João Vaz, um dos fundadores do *Grupo do Leão*, que foi como que o renascimento da arte entre nós, porque das exposições annuaes inauguradas por esse grupo é que partiu o movimento e progresso, especialmente na pintura, que todos hoje notamos com satisfação.

João Vaz foi dos que primeiro concorreu a essas exposições e n'ellas foi affirmando os seus progressos, muito especialmente na pintura de marinhas, genero que mais o captivou e em que se tem distinguido.

Folgamos em poder aqui registrar estes seus novos quadros, dignos de apreço e em que predomina a sua feição especial de pintor de marinhas a par da paizagem larga e luminosa d'esta nossa terra portugueza.

C. A.

JOÃO VAZ

Monumento a Sousa Martins

Ficou definitivamente inaugurado em a noite de 6 para 7 do corrente, o monumento ao illustre professor, dr. Sousa Martins.

Comquanto discordemos com a commissão em escolher a noite para uma ceremonia d'esta ordem, se bem que a hora e as trevas se coadunassem mais com a inauguração do primeiro monumento, que aliaz teve todo o brilho e pompa das cousas officiaes, não lhe regatearemos o applauso que merece de todos por ter conseguido uma substituição, que não só satisfaz aos que a sabem apreciar dentro de todas as regras da arte, mas tambem aos profanos que sentem as impressões do que ella tem de bello e grandioso.

O trabalho de Costa Motta é mais uma notavel affirmação do seu poderoso talento de esculptor, e as felicitações que recebeu das pessoas que acompanharam a homenagem a esse vulto eminente da sciencia, devem-lhe ter sido compensação da forma humilde como o seu trabalho foi patenteado á critica e ao publico.

Costa Motta comquanto seja um novo é já um grande artista.

O seu estudo alliado a um grande amor ao trabalho e a um incontestavel e excepcional talento, teem formado a reputação que o distingue e que muitos, em longos annos não conseguem crear em volta do seu nome.

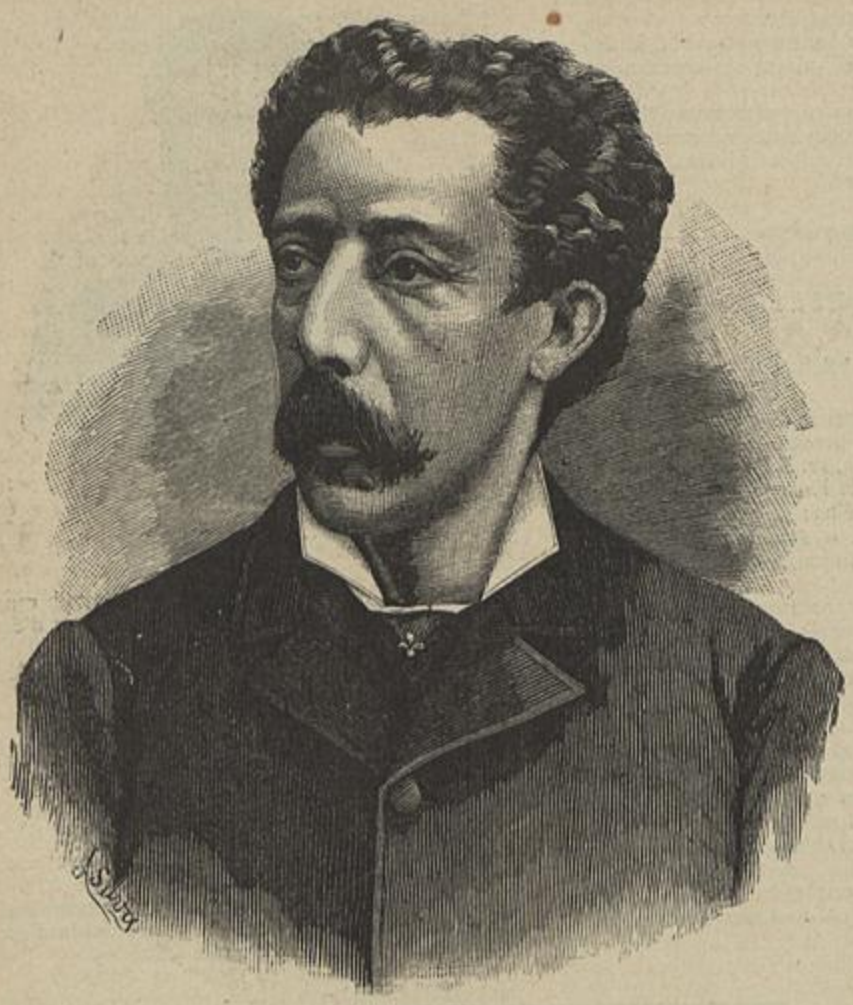
Lisboa dentro em pouco deverá a Costa Motta tres obras importantes que concorrerão sobre tudo para o seu aformoseamento e fallem ao estrangeiro que nos visita, não só dos nossos

UMA VISTA DE LISBOA

UMA PAISAGEM DO DOURO

UMA VISTA DO PORTO

Inauguração do Monumento a Sousa Martins



DR. SOUSA MARTINS

CORONEL MATHIAS NUNES — Director da Fundição de Canhões

O MONUMENTO A SOUSA MARTINS — Inaugurado em 7 do corrente

ESTATUA DE SOUSA MARTINS — Esculptura de Costa Motta

Inauguração do Monumento a Sousa Martins

O ESCULPTOR COSTA MOTTA

CASIMIRO JOSÉ DE LIMA

progressos de arte, como da forma porque tambem sabemos prestar culto aos nossos homens principaes; essas obras são: as estatuas de Affonso de Albuquerque e de Sousa Martins e o busto de Eduardo Coelho, o fundador do *Diario de Noticias* que ainda não está collocado no seu pedestal, mas de que já nos chegaram informações lisongeiras para o seu auctor.

E já que sobre esse trabalho não podemos dar ainda uma opinião de viso, e quanto ao prmeiro a critica lhe fez a consagração merecida, diremos que sobre a estatua de Sousa Martins todos foram unanimes em affirmar que o artista alliou a uma feliz sobriedade de linhas, a elegancia, a flexibilidade e a vida que dá á estatua essa reproducção humana tão fiel do illustre cathedratico.

E' um verdadeiro trabalho de estudo e que só por si faz a reputação do auctor.

* * *

Não pouco concorreu para o bello resultado d'esta obra o sr. Mathias Nunes dignissimo director da Fundição de Canhões do Arsenal do Exercito, onde foi fundida a estatua.

E' de saber os cuidados que exige esta difficil operação de grande responsabilidade, pois d'ella depende o bom exito da obra d'arte que se pretende fundir, por isso são poucos todos os louvoures aos que superintendem n'essa operação quando ella é, como esta, coroada de tão bons resultados.

Não só n'esta como em outras obras tem o dignissimo director da Fundição de Canhões comprovado a sua competencia, mas a estatua de Sousa Martins sobreleva a todas pela nitidez da fundição, em que se póde apreciar todo o trabalho do esculptor, sem perda do mais simples toque e minuciosidade.

Só se consegue esta perfeição com operarios experimentados e dirigidos com intelligencia e bom conhecimento, o que sem duvida é extremamente honroso para o sr. coronel Mathias Nunes.

* * *

Referindo-nos á inauguração do novo monumento não devemos deixar de citar o nome d'um amigo intimo e inseparavel do dr. Sousa Martins, que foi a alma, o incitamento de toda essa grande lucta que teve afinal um termo glorioso para a digna commissão.

Queremos fallar do sr. Cazimiro Lima, esse incansavel e dedicado cooperador na obra de reconhecimento e de respeitosa homenagem, que a cidade hoje acata e considera como um padrão de gloria nacional.

Tem elle a maior parte no quinhão que a todos honrou. A amizade que soube transformar n'um culto de dedicação, propondo-se a affrontar todas as contrariedades para levar ao fim o seu ntento, qualificam esse bello caracter e essa nobre alma. Provou que a morte nem sempre pode separar dois amigos, especialmente quando elles são do quilate de Cazimiro Lima que vivem para cumprir a sua missão e que só descançam depois d'ella estar cumprida.

* * *

No dia 7 foi a commissão entregar á camara municipal o monumento erigido ao professor Sousa Martins.

O acto realisou-se na sala das sessões da camara estando esta representada pelo seu presidente e pelos vereadores srs. Sabino Coelho, Pinto Basto, Ferreira da Silva, José Bello, Sabino de Sousa, Candido Botelho, Claro da Ricca, Conselheiro Carvalho Pessoa e a commissão por todos os seus membros.

R.

REGINA PACCINI

REGINA PACCINI

Em 5 de janeiro de 1888 estreiou-se no palco de S. Carlos, Regina Paccini, uma creança ainda, mas que em poucos annos se tornou uma artista de fama, percorrendo todos os theatros da Europa e n'elles alcançando os maiores triumphos.

Portugueza de nascimento, todos

assistimos aos progressos da sua carreira artistica, todos os apreciámos e d'elles tivemos conhecimento pela imprensa de todos os paizes onde Regina Paccini fez ouvir a sua voz diliciosa.

No theatro de S. Carlos se estreiou, dissémos, n'elle se despediu do palco em a noite de 11 do corrente.

A primorosa cantora deixa a scena lyrica, quando os seus dotes artisticos maior brilho attingiam e um auspicioso futuro a esperava.

A noite da sua despedida, em S. Carlos, ficará registrada nos annaes d'aquelle theatro, como aquella em que mais enthusiasticos applausos acclamaram uma artista, uma cantora portugueza que dominou na scena lyrica com extraordinario explendor.

S.

«SIBERIA»

Opera de Umberto Giordano

A opera *Siberia* que a empresa de S. Carlos pôz em scena na noite de 8 do corrente, como segunda opera *d'obligo* d'esta epoca, é das mais recentes composições lyricas que ficaram em repertorio, tendo sido cantada pela primeira vez no theatro Scala em 19 de dezembro de 1903.

UMBERTO GIORDANO

E' a terceira composição de Umberto Giordano, auctor do *Chenier* e da *Fedora*, mas não superior a qualquer d'estas duas, dividindo-se muito a critica a seu respeito.

Dos compositores italianos modernos, Giordano é o que mais se tem distinguido e a *Siberia* mereceu-lhe todos os cuidados, fazendo largo estudo sobre as canções e coros populares russos d'onde tirou motivos para a nova partitura.

E' no segundo acto, principalmente, onde se evidenciam mais esses motivos, no coro dos deportados e na canção popular russa. Este acto dá bem o valor do maestro e conhece-se o pulso do compositor, principalmente no *intermezo*, em que a orchestra se destaca vigorosamente.

N'um ou outro ponto o maestro não conseguiu exprimir quanto desejaria a intenção dramatica, como, por exemplo, no duetto de soprano e tenor do segundo acto, em que pelo exaggero não commove o espectador, tornando-se pesado e fatigando os cantores.

Em todo o caso a *Siberia* é uma partitura de valor e, se não augmenta os creditos de Umberto Giordano, nem por isso diminue a fama do auctor da *Fedora* e do *Chenier*.

Das operas novas que teem sido cantadas em S. Carlos, a *Siberia* é, talvez, a melhor e teve a vantagem de nos deixar ouvir a sr.ª Pandolfini, a cantora de mais recursos, a artista mais completa, que na presente epoca pisou o palco do nosso theatro lyrico.

S.

UM EPISODIO DA COMMUNA

(De Affonso Daudet)

Kadur era tambor de atiradores indigenas, e descendia dos Gendel, pertencendo áquelle troço de turcos vindos a Paris, com o regimento de Vinoy. Tomára parte na campanha de Wissemburgo a Champigny, atravessando campos de guerra como uma arieta impellida pelo vento, com as vaquetas de ferro e o *derbuka*, tão vivaz, tão desassocegado, que as balas não conseguiram nunca entrar-lhe na pelle. Quando, porêm, chegou a epocha invernosa, aquelle bronze d'Africa, tão provado pelo fogo e tiroteio, não arrostou com as longas noites de véla e de inacção em cima do gelo; por isso, n'uma certa ante-manhan de janeiro levaram-n'o da beira do Marne, com os pés gélidos e tiritante de frio.

Este acontecimento fez com que permanecesse durante algum tempo na ambulancia, onde o vi pela vez primeira. Melancholico e humilde como um rafeiro enfermo, olhava em derredor de si com os suaves e grandes olhos, e, quando lhe dirigiam a palavra, mostrava uma fiada de dentes brancos, ao sorrir-se. Nada mais podia fazer para se expressar, visto o nosso idioma lhe ser estranho, falando só o *salir*, lingua argelina, mescla de provençal, italiano e arabe, feita com termos de generos diversos, agarrados aqui e além, como as conchas nas areias dos mares latinos.

O *derbuka* era a unica cousa capaz de fazer distrahir Kadur. Por vezes, nas occasiões em que a tristeza d'elle se apossava, iam levar-lh'o ao catre, dando-lhe permissão para que tocasse, mas devagar, não fosse offender os de mais doentes. Aquella physionomia negra, magra, inexpressiva a sobresair d'uma luz tibia e da melancholia da paizagem do inverno, que se preadivinhava das trazeiras da janella, vivia, e fazia toda a casta de gestos, acompanhando os movimentos do rithmo.

De vez em quando fazia soar o toque de carga e o sorriso que tinha sempre a aflorar-lhe aos labios, transformava-se em sorriso ferino; os olhos arrazavam-se-lhe de lagrimas, abria as narinas e, não obstante o cheiro activo do hospital, dos frascos e compressas, similhava-se-lhe estar a olhar para os pomares de Blidah, ajoujados ao peso de laranjas, e as moças mouras a sair do banho com ramos de cypreste, cheirando a verbena.

Assim se passaram dois mezes. Que de cousas se não haviam dado em Paris, durante esse curto praso de tempo! Comtudo Kadur nada sabia. Sentira o desfilar do exercito sob as janellas; o exercito regressava exhausto e desanimado; d'ahi a algum tempo, o barulho dos canhões que iam de uma banda para outra, de manhan á noite, em seguida o martellar dos operarios e o estrondo da artilheria. D'isto tudo deduzia apenas que a guerra não cessára e que em breve iria de novo affrontar a morte, pois que assim as suas pernas lh'o consentiam.

Saiu da ambulancia e ahi vae elle de tambor á laia de mochilla em cata da sua companhia. Não a procurou por muito tempo, visto alguns federados que o viram o levaram á presença do commandante em chefe. Após um longo interrogatorio — de que só conseguiram apanhar umas palavras soltas como *benep*, *macase bono* — o general concluiu por lhe entregar dez francos e o cavallo d'um omnibus e mandal-o addir ao seu estado maior.

Havia de tudo um pouco n'aquelle estado maior da *Communa:* chailes encarnados, mantas á polaca, *dolmans* hungaros, casacas bordadas a ouro, velludo e galões immensos; o turco vestido com o uniforme azul, agaloado a amarello, com turbante e *derbuka*, completava o estado maior.

Alegre ao vêr-se com similhante companhia, enebriado com o sol, com o tiroteio, com o ruido dos carros e com aquelle inferno de armas e uniformes, convicto de que a guerra entre França e Prussia não concluira, d'uma forma mais animada e desembaraçada, não fazia senão mostrar-se, exhibir-se. Ao mandato do general ia vinte vezes por dia ao ministerio da guerra e d'ahi á Camara Municipal.

A felicidade de Kadur, porêm, não era completa: queria batalhar, gastar polvora.

Infelizmente na epocha da *Communa*, o estado maior não ia frequentes vezes ao tiroteio. Não contando com as paradas e corridas, o pobre Kadur passava o tempo na praça Vendôme, no atrio do ministerio ou então nos acampamentos sem ordem alguma, onde se via a montes barris de aguardente, de torneira aberta, caixas de toucinho arrombadas e de comestiveis á larga, o que dava a perceber a grande carestia havida n o tempo de sitio.

O tambor era musulmano bom de mais para que entrasse em taes pandegas; mettia-se a um canto sobrio e quieto, lavando-se em qualquer parte, e engulindo enormes porções de *cús-cús*, que era o seu alimento; em seguida pegava no *derbuk*: em que tocava um boccado, tapava-se com o albornoz e deitava se no chão ao pé da fogueira de algum bivaque.

Em uma manhan de maio Kadur foi acordado ao barulho de horriveis descargas de mosquête. O ministerio estava mexido; todos corriam em todos os sentidos. Instinctivamente o turco fez o mesmo que os outros. Montou a cavallo e foi com o estado maior. Os clarins tocavam com grande estrepito por toda a parte e as ruas pejavam de batalhões que desfilavam em fuga. Descalçaram a rua e fizeram barricada.

Decerto havia o quer que era de muito anormal. Quanto mais se caminhava para os lados do Sena, mais augmentava o ruido e a fuzilaria. Ao chegar á ponte da Concordia, o turco não mais enxergou o estado maior; caminhou mais para alêm e roubaram-lhe o palafrem, que foi dado a um homem de kepi com oito galões de prata e que se dirigia juncto á Camara, a vêr o que lá se passava. Fulo, Kadur, correu para onde se feria combate, e carregou uma Chassepot, rosnando; *Macaso bono brissien*, visto que suppunha ser os prussianos que penetravam em Paris.

As balas já zuniam em volta do Obelisco e pelas arvores das Tulherias. Na rua de Rivoli, onde havia uma barricada, chamaram-no. Pouco mais seriam de doze, mas Kadur valia um só exercito.

De pé na barricada, altaneiro e destemido como se fôra uma bandeira, batia-se com coragem sob a chuva de metralha. Houve uma occasião em que o fumo desappareceu, vendo-se claramente para os Campos-Elysios, as calças encarnadas dos soldados francezes. D'ahi a pouco tornou tudo ao antigo estado; Kadur cuidou haver-se illudido e não deixou de disparar encarniçadamente.

Repentinamente a barricada calou-se: O derradeiro artilheiro fugiu após o despejar da ultima granada; Kadur, porêm, não arredou pé d'onde estava. De emboscada, preparado para saltar d'alli, calou com segurança a bayoneta, e quasi tocava com a ponta nos kepis que se dirigiam para o sitio em que estava. Eram as tropas regulares.

Do meio do surdo resoar do passo de carga, ouvia que os officiaes gritavam:

—Rende-te! . .

Kadur ficou por momentos estupefacto; em seguida saltou da barricada com a coronha para o ar.

—*Bono, bono, francese!...*

Enleiadamente o seu pensar de selvagem, com a ingenuidade de quem desconhece os acontecimentos, cuidou que o exercito que alli estava era o exercito libertador, o exercito de Chanzy pelo que os parisienses anceiavam havia tanto tempo.

Que ditoso era e como mostrava a sua dentadura tão alva!. . De um momento para o outro invadiram a barricada. Cercaram-no.

—Mostra a tua espingarda!...

A espingarda fumegava ainda.

—Mostra as tuas mãos!...

Tinha as mãos negras da polvora, e Kadur deixava-as vêr com vaidade, tendo o mesmo sorriso tranquillo.

Encostaram-no a uma parede e fuzilaram-no.

Morreu sem que comprehendesse qual o motivo porque o haviam morto.

XIII — III — CMIV. *Henrique Marques Junior.*

O DESTERRADO

Por José de Faria Machado

Editado pela antiga casa Bertrand, hoje José Bastos, sahiu a publico este livro do sr. José de Faria Machado, que veiu confirmar os creditos do auctor. de poeta lyrico brilhantemente revelados na *Malaventurança*.

Em velhos poetas portuguezes se tem inspirado, nos melhores, n'aquelles que hão de viver emquanto uma gotta de sangue purissimo fizer aos que vierem depois de nós, e durante seculos e seculos, sentir a poesia dos nossos campos e serras, dos nossos rios e dos nossos mares.

O Padre Antonio Vieira lhe forneceu a epigraphe para o livrinho de agora:

José de Faria Machado

«...Os olhos vêem pelo coração; e, assim como quem vê por vidros de diversas côres todas as coisas lhe parecem d'aquella côr, assim as vistas se tingem dos mesmos humores de que estão, bem ou mal, affectos a corações.»

A escolha diz-nos a que genero de poesia o livro é dedicado; confirmaria a crença a certidão de edade, que o poeta nos apresentou, pois muito poucos annos passará dos vinte.

Tercettos e quadras, motes e eclogas, dizem sua origem portugueza; melhor o dizem ainda os perfumes de saudades de que vem o livro cheio e que até desabrocham em corações de vinte annos.

Versos são refugio; quanto mais de prosa fôr o tempo, mais os sonhadores se abrigam nos sonhos, maior preguiça mostram de acordar.

Para dar uma idéa da fonte limpida em que Faria Machado foi beber e onde buscou a forma singela de suas poesias, citaremos ao acaso algumas quadras:

Qual é ella, qual é ella
Que nos diz o que pessou?
Saudade, triste palavra,
Que um desgraçado inventou.

O cypreste é muito alto,
Ao céo não pode chegar;
Meu olhar, sendo pequeno,
Chega ao céo do teu olhar.

Se a lua branqueia a terra,
E' que Deus assim o quiz:
A todos deu alegria,
A mim me fez infeliz.

Não só no livro tem Faria Machado colhido applausos; para o theatro escreveu o anno passado uma pequenina e sentido peça, que pela platéa do theatro D. Amelia foi varias noites escutada com o maior agrado.

Sol de maio se chamava. Para o sol de maio caminha o poeta. Fazemos votos para que o desterrado encontre finalmente a sua patria.

R.

A proposito da Magdalena, de José Fernandes Caldas

A contrição de Magdalena

Lança piedoso, Senhor!
Olhos de misericordia
Sobre um ente peccador!
Não vejas a vil discordia
De vida... que causa horror!

Vê, que pesar avassala
Este peito desolado!...
Embarga-me tanto a falla
Esta dôr de ter peccado,
Que mal posso confessal-a!

Eu offendi, bem o sei,
N'uma vida desregrada,
Preceitos da tua lei!...
Quanto esta alma attribulada
O chora... não T'o direi!

Tu, que vês a desventura,
Que meu triste peito innunda,
Vem, Senhor meu! com doçura,
Perdoar a quem se afunda
Na mais cruel amargura!

Aqui me tens bem contrita,
Prostrada em terra a teus pés:
Quanto esta alma, tão afflicta,
Te adora... Senhor! bem vês;
Dá-lhe a esperança bemdita,
De ter a Gloria infinita!

Thomaz d'Almeida.

A Magdalena, junto á cruz do Salvador

Quanta dôr, meu Bom Jesus,
Me atormenta o coração!...
Na minh'alma se traduz,
Com a maior compaixão,
A tortura d'essa cruz!...

Agora, mais sinto a dôr
Das faltas, que pratiquei;
Vejo n'ellas, com horror,
A morte, que preparei
A meu santo Bemfeitor!

Não abafa n'este peito,
O soluçar do meu pranto
A mágua, que o traz desfeito...
Vejo na cruz, com espanto,
Do peccado, o seu effeito!

Movido por compaixão
Perdoaste o meu *viver*
Pela dôr do coração:
Melhor me fôra morrer
Que ver-te n'essa paixão!

Eu bem sei, que fui culpada
Dos tormentos, que padeces:
A minh'alma angustiada,
Senhor meu! bem a conheces
Por Tua graça — mudada! —

Se Deus Te desamparou,
O' Bom Jesus, n'agonia,
Meu pranto não Te faltou,
Nem a minha companhia,
'Té que o martyrio findou!
Perdoa a quem Te matou!

Thomaz d'Almeida.

LICÕES DE PHOTOGRAPHIA

Vamo-nos hoje occupar de um novo papel para impressões photographicas: o papel *Luna*.

Faz-se a tiragem para o papel da fórma ordinaria no châssis prensa, mas suspende-se esta, quando a imagem se achar unicamente indicada pelos traços grandes, lavando-se depois, rapidamente, a prova na agua, afim de molhar bem toda a superficie. Em seguida, mergulha-se esta prova na seguinte solução:

Agua distillada	1:000 gr.
Sulphato de soda anhydro	25 »
Metol	10 »
Solução de brometo sodio a 10 %	10 »
Acido acetico puro a 60°	200 »
Acido citrico crystallisado puro	100 »

(Tomar 50 gr. d'esta solução por 1:000 gr. de agua.)

Revela-se em seguida até obter a intensidade desejada, passa-se pela agua para eliminar os residuos formados e fixa-se a imagem no banho seguinte:

Agua	1:000 gr.
Hyppo-sulphito de soda	50 »
Bi-sulphito de soda	25 »

Lava-se, em seguida, cuidadosamente, como de costume.

O papel *Luna* obtem os tons desde o negro ao vermelho sanguineo, passando pelo castanho ou sepia, segundo a intensidade da tiragem primitiva no chassis-prensa.

Para obter os tons negros, suspende-se a tiragem, apenas a imagem apparece, e para os vermelhos, reforça-se a imagem até estar completamente nitida, mas para isso, a revelação deve ser curta.

A solução mãe deve conservar-se em frascos rolhados, ao abrigo da luz do dia, e as manipulações, á luz diffusa.

NECROLOGIA

Celso Herminio

Foi com os olhos rasos de lagrimas que recebemos de chofre a triste nova do passamento do talentoso caricaturista Celso Herminio, occorrido no dia 8 do corrente, e a quem, ha não menos de doze annos, nos prendiam laços de sincera amizade.

Cheio de vida, muito novo ainda, pois morreu com 33 annos, com um largo futuro deante de si, a morte não attendeu aos poucos annos d'esse bellissimo rapaz, que, talvez quinze dias antes, estivera alegremente conversando comnosco, convidando-nos, com o seu modo lhano e affavel, a ir visitar sua casa, decerto enflorada pelo seu feitio elegante e artistico. Illustrou publicações de genero diverso, mas aquelle para que tinha mais habilidade era a caricatura de factos politicos e pessoaes, que fez publicar em innumeros jornaes, como *Branco e Negro*, *O Branco e Negro*, *Brazil-Portugal* e *Jornal do Brazil*, para onde fôra convidado pelo dr. Fernando Mendes d'Almeida, *Diario de Noticias* (numeros especiaes e de Carnaval), *Parodia*, *Dia*, *Marselheza*, etc.

Principiou a demonstrar o seu valor ao publico no *Supplemento ao Universal*, e logo a seguir n'uma febre de trabalho que mal se comprehende em rapaz tão novo, creava e illustrava numa exhuberancia de graça, de chiste, de *verve* e ás vezes de mordacidade caustica, quando era de politica que se tractava, os jornaes *Microbio*, dirigido por Tito Martins,—um moço cheio de talento que anda pelas terras de Santa Cruz—*Berro*, sob a direcção do vigoroso jornalista João Chagas—*Diabo*, que fundou no Brazil com Henrique Marinho—e *Carantonha*, ultimo que publicou O *Carnaval desmascarado* é tambem um dos seus derradeiros trabalhos, bem como duas collecções de postaes de artistas, escriptores, e de costumes portuguezes.

Teve o caracter de uma verdadeira manifestação de pezar o seu saimento, onde se via tudo quanto ha de mais selecto na Arte, na Litteratura e no Jornalismo Nós, infelizmente, por motives superiores á nossa vontade, não pudémos cumprir com o dever que se nos impunha, mas nem por isso—talvez—deixámos de ter tanto pezar, pelo menos como alguns que lhe foram prestar a sua derradeira homenagem.

Recebemos e agradecemos:

O meu primeiro livro de leitura. — Ha muito que temos sobre a nossa meza de trabalho este livro officialmeute approvado para a 1.ª classe das escolas primarias, por decreto de 3 de setembro de 1903.

E' seu auctor o nosso amigo e intelligente professor do ensino primario sr. Filippe d'Oliveira,

que n'este trabalho revelou os seus vastos conhecimentos do assumpto e as suas aptidões para o ensino.

Toda a imprensa de Lisboa e grande numero de jornaes das provincias fizeram referencias honrosas e merecidas ao livro do sr. Filippe d'Oliveira, que, alem de outras recommendações é um methodo intuitivo, escripto n'uma linguagem familiar, como convem a creanças ás quaes o livro se destina, havendo ali de tudo que convem elucidar aquelles pequenos cerebros; sciencias naturaes com applicação á agricultura e á hygiene, economia domestica, astronomia, moral, educação civica etc.

Felicitamos o sr. Filippe d'Oliveira pelo seu trabalho e agradecemos a sua amavel dedicatoria.

O que se não deve dizer.—Bosquejos e notas de filologia portugueza, pelo dr. Candido de Figueiredo. Edição da Livraria Tavares Cardoso & Irmão —Lisboa 1903—Divide-se em duas partes este novo livro do erudito escriptor dr. Candido de Figueiredo:

Principios e factos.

Critica suave

E' um trabalho cautelosamente feito «com o fim de diffundir pelos meios mais efficazes e em beneficio da lingua nacional o que os sabios e a experiencia ensinam»,

Do profundo estudo da nossa lingua a que se tem consagrado o auctor, da sua vasta erudição é uma consequencia este bello livro de estudo para os que desejam aprender, corrigindo-se dos defeitos que o habito tem introduzido na nossa maneira de fallar e de escrever, e que para os menos conhecedores das formas e das regras etymologicas e derivativas tem chegado a constituir-se em uso inveterado.

O serviço, pois, que o sr. dr. Candido de Figueiredo tem prestado com este e outros trabalhos de egual genero, quer em livro, quer disseminado em artigos na imprensa periodica de Portugal e Brazil, é dos que firmam a reputação de um homem erudito, e essa, embora alguns a queiram contrariar, tem-a S. Ex.ª feito com justificado talento e á custa de muitas investigações que provam o seu paciente estudo.

PINHEIRO MARTINS

PINHEIRO MARTINS

E' o proprietario de uma das mais importantes joalherias da Rua Aurea, possuindo desde o anno que terminou, o diploma de joalheiro da Familia Real Portugueza, sendo a sua casa frequentada pelo que de mais distincto tem a alta sociedade, vendo-se ali ameudadas vezes, as principaes damas da nossa aristocracia e do corpo diplomatico acreditado n'esta côrte.

Intelligente e activo não só se lhe deve o ter sido o introductor de artigos não conhecidos no paiz, como das suas frequentes viagens a Paris Berlim e Londres, nos tem trazido o que lá apparece de mais notavel na arte de ourivesaria, sendo elle o unico representante em Portugal dos esmaltes vitrificados para copia de photographias.

Pinheiro Martins não é uma organisação vulgar. Ha n'elle as qualidades que revelam o artista.

A um trato affavel, de uma extrema delicadeza para com todos junta um profundo conhecimento da sua arte. Não se contentando com os progressos que a joalheria tem feito entre nós, é ás principaes nações mais em evidencia nos progressos d'ella que vae annualmente buscar novidades que são encanto de todos pelo bom gosto, constituindo algumas verdadeiros primores d'arte.

No que diz respeito á industria nacional todas as encommendas feitas n'esta joalheria teem uma execução perfeita, rivalisando com o artigo estrangeiro, no primor do seu acabamento, e em todos os pequenos requisitos em que a perfeição artistica se revela e só é dado aos entendedores poderem apreciar.

São ainda de Pinheiro Martins alguns dos desenhos originaes e dos modelos para objectos fabricados sob a sua direcção, muitos dos quaes pertencem ás encommendas que constantemente estão afluindo aos seus *atelieres*

Ameudadas vezes Suas Magestades honram a joalharia de Pinheiro Martins com suas encommendas de *bijous* artisticos, e essa circumstancia excepcionalissima é por si só um eloquente testemunho de tudo que escrevemos.

No dia 15 do corrente completou 14 annos a inauguração d'esta casa, o registo tem, pois, toda a opportunidade nas columnas da nossa revista, onde se procura prestar sempre homenagem a todas as vocações astisticas como o sr. Pinheiro Martins o é, inquestionavelmente. *R.*

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes
DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO
Exame endoscopico da urethra e bexiga.
Colheita de urina de cada um dos rins
CONSULTAS { Senhoras — ás 10 horas da manhã / Homens — ás 3 » da tarde
LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL
LINGUAS VIVAS

Lisboa	*Porto*	*Coimbra*
Rua do Alecrim	*Largo dos Loyos*	*Vianna*
20 A.	*14*	*Braga*

Ensino pratico por professores estrangeiros

Patisserie Internationale
Porto & Com.ta
53, Avenida da Liberdade, 53, LISBOA
Especialidade em amendoas nacionaes e francezas. Grande variedade de objectos e lindas caixas em todos os gostos para b.ndes da Paschoa, recebidos directamente de Paris.
Especialidade em doces e bolos de todas as qualidades.
Fornece lunchs, soirées e bailes

SERTORIO A. S. CORTE REAL
SOLICITADOR ENCARTADO
LISBOA— **Rua dos Retrozeiros, 149, 2.º**

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900
Française, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais
Prix 25 francs ou 1 £
Editeur— Empresa do Occidente —Lisbonne — Portugal

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900
Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

PINHEIRO MARTINS
Joalheiro da Familia Real Portugueza
Rua Aurea, 279 — **LISBOA**
O mais completo sortimento em **joalheria** chic, e as fantasias mais caprichosas e de novidade proprias para brindes.
Importação directa do estrangeiro.

Albuns para bilhetes postaes illustrados
Chegou grande sortimento e variedade á casa Martins, praça Luiz de Camões, 35, Lisboa. Albuns para 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1:000 bilhetes illustrados.
Bilhetes postaes illustrados
Edição Martins. Os mais perfeitos e baratos do paiz e superiores aos estrangeiros. Duzia 200 réis e 100 por 1$500 réis. Ha TREZENTAS variedades para escolher. Monumentos, panoramas, edificios notaveis, costumes de todo o paiz, etc.

VIERLING & C.ª L.da
CAMBIO
Papeis de credito e Loterias
44, RUA DO ARSENAL, 46
1, Esquina do Pelourinho, 3
LISBOA
Telephone 611
Endereço telegraphico:
STERLING-LISBOA

PASTOR, GOUVEIA & C.ª
Agencia geral no Brazil do
Correio da Europa
Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto
78, 1.º Rua de S. Pedro
RIO DE JANEIRO